



mutações do laço social o novo nas parcerias

XXIV
Jornada
EBP-MG
{fora de série}

PARAFRENIA E AMOR LOUCO

Juliana Meirelles Motta

Miller (1998) argumenta que o termo *signo* passa a ser utilizado por Lacan para que fosse possível a utilização de um termo que complementasse *significante* com o gozo do corpo e portando também uma dimensão do amor que não é separada do gozo, na qual o parceiro condensa um gozo fora do corpo para um outro corpo diferente do seu. Nas psicoses essa operação resulta em uma erotomania diretamente ligada ao real, a uma consistência onde os três registros se amarram tentando fazer um corpo pela devas-tação que arrebatava esse corpo. Como poderia ser identificada essa mesma operação na parafrenia?

Miller (1996) comenta, em *Matemas I*, como a inconsistência se apresenta nos relatos de Mlle. B, paciente entrevistada por Lacan e diagnosticada como um clássico caso de parafrenia, mantendo sempre uma vacilação: são “seres de puro semblante”, não se amarram a nada, vagam em seguidas identificações que não se precipitam no “eu”, não se cristalizam... “Nenhum *significante-mestre*, nada que lhe venha dar o lastro de alguma substância, nenhum objeto a que preencha seus parênteses, substância lacaniana, feita de falta, mas a falta que acaba por ser constante dá à pessoa de um sujeito a ilusão de sua síntese”. Como diz Lacan, Mlle. B. não tem a menor noção do corpo que tem, não tem nada para sustentar suas vestes, o que diz não tem peso, nem articulação. Vazio por baixo de seus vestidos.

Tais fenômenos, na parafrenia, dão conta, assim, de uma separação radical entre o imaginário e o real do corpo, ficando o primeiro amarrado, porém, ao simbólico, amarração pelo qual consegue manter uma unidade na pura dimensão de semblante. Assim, o ponto principal de diagnóstico do quadro parafrênico é a sua impossibilidade de sustentar um trabalho, uma decisão, uma relação... nada se sustenta... inicia-se e se desvencilha. Vários estados se alternam. Uma personalidade múltipla, identidades puramente imaginárias que dão conta de uma diferença com o que seria - por exemplo - uma psicose esquizofrênica, onde justamente é o imaginário o que se solta, o que se dissolve. Na parafrenia teremos uma série de versões imaginárias do sujeito mas é o real que se solta. Não se encontra nenhuma conexão entre essas identidades imaginárias e algum real que as ancore.

Sem essa ancoragem no real seria possível o amor? Sem um corpo, como pensar o gozo do corpo e o signo que não está dado na língua e sim no corpo? O parafrênico estaria fora do campo do amor?

REFERÊNCIAS

MILLER, Jacques-Alain. *Matemas I*. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1996.

MILLER, Jacques-Alain. *Los signos del goce*. Buenos Aires: Paidós, 1998.